

## **CIÊNCIA E ARTE: FEIÇÕES ILUSTRADAS E CONCEPÇÕES GEO-SÓCIO-ANTROPOLÓGICAS DO LIVRO “OS SERTÕES” DE EUCLIDES DA CUNHA.**

**André Luiz da Conceição – Universidade Estadual Paulista (UNESP – Rio Claro)**  
[andregeo@universiabrasil.net](mailto:andregeo@universiabrasil.net)

### **Embasamento Teórico e Metodológico**

O livro “Os Sertões” publicado em dezembro de 1902, no Rio de Janeiro, pela Livraria Laemmert, foi escrito por Euclides da Cunha (1866 – 1909), que era engenheiro, jornalista e, para sua época, geógrafo.

A obra de Euclides tem como tema central os personagens e paisagem da insurreição do arraial de Canudos, fundada em 1893, por Antônio Vicente Mendes Maciel, popularmente conhecido como Antônio Conselheiro, às margens do rio Vaza-Barris no norte da Bahia.

“Os Sertões” é considerado por muitos a maior obra da literatura brasileira, de caráter jornalístico aliando narrativa literária e informação científica.

De caráter descritivo e documental, a obra registra nos dois primeiros capítulos (A Terra e O Homem) a história e características de uma terra e de um povo. No terceiro capítulo (A Luta), Euclides descreve um dos maiores massacres da história do Brasil: A Guerra de Canudos, que já prenunciava o que seria em nosso país a luta pela terra. Depois de pouco mais de um ano de combates, três expedições fracassadas e milhares de soldados republicanos e sertanejos mortos, finalmente estava esmagado o movimento, que para a época, representava o mais duradouro foco de resistência monarquista à recém-constituída República brasileira.

Segundo Lia Machado – professora do Departamento de Geografia da UFRJ - (1995, p. 337) em “Os Sertões” é possível encontrar a gênese de uma das imagens mais persistentes da estrutura sócio-espacial do Brasil, a da existência de “dois Brazis”: o do litoral, urbanizado, moderno e sobre forte influência européia, e o do interior, pastoril, arcaico e estagnado.

Uma outra idéia de contraste identificada pela mesma autora (MACHADO, 1995, p. 337) na descrição de Euclides da Cunha, diz respeito à natureza tropical, onde “a terra é exuberante e pródiga e, ao mesmo tempo, pode ser estéril, desértica, obrigando a luta pela vida”.

Para Euclides, o sertanejo, um personagem do interior do Brasil é “antes de tudo, um forte” por ter que se adaptar à paisagem aversiva. Além de tudo, “é desagracioso, desengonçado, torto. [...] Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente”. (p. 146).

Fig. 01: Personagem sertanejo no semi-árido nordestino.



Autor: CONCEIÇÃO, A. L. da (2005).

E para deixar clara a assimilação do homem ao meio na concepção euclidiana, o autor recorre à descrição da constituição geológica do terreno, à paisagem geográfica, às influências climáticas, ao regime alimentar, às condições de educação e ciência e, finalmente aos fatores étnicos.

Outro personagem chave do livro e da história do Brasil é Antônio Conselheiro, nascido no dia 13 de março de 1830, em Quixeramobim, no Ceará. Filho de comerciante, teve boa educação estudando Aritimética, Geografia, Português, Francês e Latim. Assim como o pai, Conselheiro foi comerciante e pai de família. Também foi professor e atuou como requerente – uma espécie de advogado sem diploma. Mas devido à traição da mulher, ele tornou-se romeiro percorrendo o Ceará em direção à Bahia, onde fundou em pleno sertão semi-árido o inicialmente denominado Belo Monte.

É possível identificar no livro a descrição de um dos personagens messiânicos mais conhecido e estudado do Brasil:

Vestia túnica de azulão, tinha a cabeça descoberta e punhava um bordão.  
Os cabelos crescidos sem nenhum trato, a caírem sobre os ombros; as

longas barbas grisalhas mais para brancas; os olhos fundos raramente levantados para fitar alguém; o rosto comprido de uma palidez quase cadavérica; o porte grave e ar penitente “(p. 241).

Fig. 02: Personagem messiânico – Antonio Conselheiro.



---

Autor: CONCEIÇÃO, A. L. da (2005).

Esses dois personagens (o sertanejo e Antônio Conselheiro), estão em constante interação com a natureza para a constituição da paisagem do sertão. E justamente esta paisagem sertaneja onde se inter-relacionam homem e natureza foi o objeto de estudo e categoria de análise e representação deste trabalho.

Fundamentando-se em Guimarães (2005), considerar-se-á paisagem “como o legado de um jogo de forças, testemunhando não somente a ação de elementos e processos naturais, mas também as interferências da presença humana”.

Mas de que forma será que ocorre esta ação dos elementos e processos naturais com as interferências da presença humana no sertão? Em outras palavras, como é a relação entre os vários personagens com e na paisagem do sertão descrito por Euclides da Cunha? Este questionamento

guiará todo o andamento do trabalho, de forma a tentar esclarece-lo a partir de pressupostos teóricos da Geografia Cultural, envolvendo ciência, literatura e arte, e adotando-se a paisagem como categoria de análise e de representação artística.

Apesar do objetivo central focar-se no estudo da paisagem do sertão, ainda figura uma outra faceta importante do trabalho, que inclusive contribui para torná-lo diferenciado, inovando o discurso no campo acadêmico, ou seja, a elaboração de ilustrações sobre alguns dos principais aspectos do livro relacionados com a categoria de análise adotada. Esta proposta de representação artística da paisagem do sertão baiano, nada mais é do que uma maneira de interpretação do livro de Euclides da Cunha.

Este trabalho pretende aliar duas esferas inseridas no cotidiano da sociedade contemporânea, ciência e arte. Optou-se por este livro devido sua grande relevância histórica no cenário nacional, de onde podemos recolher conteúdos por várias áreas do conhecimento.

Para demonstrar um pouco da importância do livro foram extraídos da dissertação de mestrado do Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho (1990, p. 122) dois comentários de críticos a respeito da obra.

Roquete Pinto (Apud SCALZO, 1986, p. 2) diz que: “Os Sertões’ serão no futuro, para o Brasil, o que Don Quixote é para a Espanha ou Os Lusíadas para Portugal”.

Outra opinião de destaque é a de Araripe Junior (Apud PINHEIRO, 1982, p. 34) quando diz que: “Criticar esse trabalho, dizia comigo mesmo, não é mais possível. A emoção por ele produzida neutraliza a função crítica”.

Já Jorge Coli (professor de História da Arte na Unicamp) em artigo publicado pela Folha de São Paulo, de 1º de dezembro de 2002, em poucas palavras demonstra o impacto da leitura do livro: “Depois da última página de ‘Os Sertões’, nenhum leitor é mais o mesmo”.

Como se trata de uma publicação do início do século XX e de destacada importância para o Brasil, já foi muito estudada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como História, Antropologia, Sociologia, entre outras. Mas mesmo em pleno século XXI, passado pouco mais de cem anos de lançamento de sua primeira edição, ainda continua a ser muito pesquisado e discutido, o que demonstra sua atualidade no campo acadêmico.

A proposta apresentada centra-se em duas questões fundamentais: a análise da paisagem do sertão baiano descrito por Euclides da Cunha no livro “Os Sertões”, a partir de pressupostos teóricos da Geografia Literária e a elaboração de um material instrumental (desenhos) que possibilite através do recurso visual uma maior compreensão da narrativa. Esta segunda preocupação exigiu a seleção de um caminho metodológico que melhor expresse a perspectiva a ser adotada.

Pretende-se apresentar de forma ilustrada as feições de personagens como o sertanejo, Antonio Conselheiro, o soldado republicano, a igreja, o latifundiário, em relação com a paisagem do sertão semi-árido de Euclides. Seria uma nova forma de interpretação do livro e representação da paisagem com seus diversos personagens.

Diariamente ao abrirmos o jornal, ao ligarmos a televisão ou acessarmos a internet, nos deparamos com diversas formas de representação artística de fatos relacionados com economia, política, esportes, fofocas, etc. Essas representações são empregadas de diversas maneiras sendo as mais utilizadas as técnicas em desenho, como charges, cartuns, tiras, caricaturas, vinhetas, histórias em

quadrinhos e imagens em 3D. Objetiva-se, com isso, proporcionar às pessoas interessadas uma diferente forma de interpretação, muitas vezes engraçada, divertida e sátira, da realidade ou de determinados assuntos.

Nesse sentido surgiu a idéia de elaboração de material ilustrado que possibilite maior compreensão do conteúdo do livro. Um conteúdo que é muito rico em termos de campos de estudo da ciência, porém, com vocabulário vasto e linguagem rebuscada e muito complexa, o que certamente dificulta a leitura e interpretação do livro.

Portanto, com a elaboração das ilustrações sobre alguns aspectos do livro pretende-se possibilitar à comunidade acadêmica (discentes, docentes, pesquisadores, etc), e a professores e estudantes do ensino fundamental e médio uma nova maneira de leitura e interpretação do ideário de Euclides da Cunha.

A escolha pela análise da paisagem no ideário euclidiano pode contribuir, mesmo que em pequena escala, com a maior inclusão da Geografia nas discussões com outras ciências a respeito do livro.

Apesar deste trabalho ter como objetivo geral o estudo da abordagem geográfica do livro, adotando-se como categoria de análise a paisagem, inevitavelmente será necessário transitar por outras ciências, destacando-se a História e principalmente a Sociologia e Antropologia. Tomando a Geografia, em relação às outras ciências, é justamente mostrar que através dela, se pode transitar por outros ramos da ciência podendo, desta forma, desenvolver estudos e obter resultados com visão mais ampla sobre determinado tema.

Como anteriormente apresentado, o conceito básico de paisagem aproveitado para a pesquisa fundamenta-se em Guimarães (2005).

Ferreira destaca o significado da paisagem aos personagens que a vivenciam, quando diz que “[...] as paisagens refletem um conjunto de significados diferentes e específicos para cada ser humano, conforme o caráter de nossas intenções e a natureza apresentada pelos ambientes encontrados”. (FERREIRA, ano, p. 3).

A mesma autora ainda destaca que “a adaptação do homem às diversificadas paisagens transforma-se, portanto, em parte significativa da história das mesmas”, podendo-se encontrar nas paisagens, relíquias, vestígios e reminiscências da grandeza da história vivida por sociedades de diferenciadas culturas em um passado distante ou não, ou até mesmo no presente e futuro da contemporaneidade.

E é justamente através da paisagem sertaneja que se aspira salientar a história vivida pelos personagens na Guerra de Canudos, um importante momento do passado do país muito bem relatado em “Os Sertões” – uma obra literária.

Sobre se ter a Literatura como base para o desenvolvimento de estudos científicos, Guimarães coloca o seguinte:

A Literatura, em todos os seus períodos, desde o arcaico, helênico ou latino, através de seus épicos; do medieval, com suas canções de gestas, até às variadas obras escritas em prosa ou verso dos séculos posteriores e contemporâneo, nos legou, além de sensíveis expressões das diversas fases da História das Artes, registros que podem servir como base para outros estudos no campo da Ciência, pois espelham as interações entre o Homem e seu meio ambiente. Por meio das formas de expressão artística desenvolvida na área das Letras, temos muitos pontos de partida para diversificadas análises científicas em Psicologia, Psiquiatria, Lingüística,

Semiótica, Sociologia, História, geografia, entre outras”. (GUIMARÃES, ano, p. 7 –9).

E ainda com base nas idéias da autora, na literatura, os geógrafos podem encontrar um “recurso adicional em suas pesquisas e estudos sobre os processos interativos entre o Homem e suas paisagens”, neste sentido, a Literatura é uma “fonte de informações e mensagens” e canal entre o escritor e leitor, “sobre a heterogeneidade das experiências humanas com a Natureza e sobre o significado dos lugares, afetados pelas mudanças temporais”.

Quando analisamos, geograficamente, as tramas e enredos que envolvem os personagens num dado espaço e tempo, descritos minuciosamente ou apresentados de forma relativamente indeterminada, descobrimos sob outros prismas faces dos processos de interação com o meio ambiente, particularmente, quanto às atitudes, condutas, identificações com o espaço, com seus valores e sobre suas formas de atribuir valores, signos e símbolos às paisagens”. (GUIMARÃES, ano, p. 11).

### **Concepções geo-sócio-antropológicas: a relação entre Antônio Conselheiro com a paisagem do sertão**

O personagem messiânico Antônio Vicente Mendes Maciel – Antônio Conselheiro. Ele foi um romeiro tendo percorrido o Ceará em direção à Bahia. No mesmo período o interior do Nordeste era percorrido por “missionários itinerantes que iam de lugarejo em lugarejo evangelizando, acompanhados por uma turba de penitentes e romeiros”.

Sobre a aparição de Antônio Maciel, Euclides da Cunha disse o seguinte: “[...] E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa; face escaveirada, olhar fulgurante...”. Vivia de esmolas aceitando apenas o indispensável para sobreviver. Realizava bem feitorias religiosas ao pregar e executar novenas e procissões, além de propiciar ganhos sociais ao construir capelas e reparar muros de cemitério. Com isso, sua fama crescia exageradamente movimentando grande número de pessoas para vê-lo, ouvi-lo e consultá-lo.

Nessa época Antônio Maciel era bem visto pelos administradores municipais, pelo clero e por praticamente todas as pessoas, não incomodando a ninguém, muito pelo contrário, contribuía sob o ponto de vista religioso, social e ambiental dos lugarejos e pequenas cidades por onde passava. Além de tudo, ainda “manifestava dons terapêuticos, realizando curas extraordinárias.”

No início andava sozinho., mas logo depois, devido sua fama “ençalçavam-no na rota desnorçada os primeiros fiéis”, acompanhando-o para onde ele fosse. Por mais ou menos onze anos arriscou uma tentativa de fixação na comarca de Itapicuru, onde fundou o Arraial do Bom Jesus, que rapidamente quase se tornou uma cidade. Deixou o arraial com a proclamação da República, sendo abertamente contrário e encarando-a como prenúncio do fim do mundo. Enveredou-se pelo sertão seguido por fiéis, procurando um novo local para instalar a Nova Jerusalém, onde poderiam esperar o anúncio do Juízo Final.

E foi às margens do rio Vaza Barris, em pleno sertão semi-árido baiano que Antônio Maciel e seus seguidores deram início ao arraial de Canudos, inicialmente denominado de Belo Monte.

Consideravam o governo republicano recém instaurado como o reinado do Anticristo, sendo que o indício do fim do mundo estava próximo e “D. Sebastião introduziria no mundo o paraíso terrestre, adquirindo Canudos foros de antecâmara do Éden, nova terra de Canaã”.

Queiroz (1965, p. 205) em trecho a seguir demonstra como deveria ser a conduta dos sertanejos:

Para que a eterna bem-aventurança chegasse mais depressa, deviam os adeptos sujeitar-se a comportamentos especiais, meios indicados por deus ao seu mensageiro para que mais cedo se atingisse o Milênio: abandono de toda a riqueza, de todo luxo, de toda vaidade, de todos os desejos, a prática da castidade, da humanidade, da abstinência, do arrependimento, das penitências. Era vivendo sob as ordens do messias que se conseguia atingir tal estado de perfeição; e era em Canudos, no Império de Belo Monte, que o Paraíso Terrestre se colocava ao alcance dos fiéis. Habitando ali, penetravam no universo sagrado, deixando para trás misérias e sofrimento da vida terrena e profana. Belo Monte era a Nova Jerusalém. (QUEIROZ, 1965, p. 206).

O arraial que rapidamente atingiu crescimento espantoso era composto heterogeneamente, contando com a presença de fanáticos verdadeiros, fanáticos interesseiros, desertores do exército e da polícia, assassinos e desertores da Bahia e estados vizinhos, entre outros. As mulheres a todo o momento sempre foram em maior número que os homens. Prevaleciam a presença de famílias inteiras, em detrimento de indivíduos isolados que vinham juntar-se ao Conselheiro.

Não era qualquer pessoa que entrava e permanecia no arraial, tudo dependia das ordens do Conselheiro. Estavam excluídos aqueles que “tinham merecido a desconfiança, por republicanos, ladrões, ou bêbados; também as meretrizes; e quem negasse a divindade do chefe ‘teria seus bens confiscados e seria morto’, ou pelo menos corria o risco de ver repentinamente seus bens tomados pela Companhia do Bom Jesus”.

Econômica e socialmente no arraial existiam pessoas com posses – casa, gado, propriedade; e indivíduos extremamente humildes, além de aleijados, doidos, donzelas, ladrões, doentes, assassinos, vagabundos, cantadores, prostitutas, etc.

Apesar da complexidade da sociedade, havia uma hierarquia interna em Canudos, cujo vértice era Antônio Conselheiro – ponto mais elevado da escala social. Sob seu controle absoluto, as atividades do arraial se dividiam em vários setores dirigidos por subchefes: tinham os que geriam a guerra, outros da administração interior e civil, e outros que lhe serviam de acólitos nas cerimônias de culto, segundo é o que afirma Rodrigues (1939, p. 35).

O comando da guerra ficou sob a responsabilidade de João Abade, homem de confiança e o braço direito de Conselheiro. Os irmãos Vilanova ficavam incumbidos da chefia econômica e civil do Império de Belo Monte. Nas questões que envolviam religiosidade o responsável era o acólito Antônio Beatinho, “que vigiava o bom cumprimento dos deveres do culto, pela coletividade”.

No total existiam doze chefes mais importantes que eram responsáveis pelos assuntos da guerra, da economia, da vida civil e religiosidade, formando uma espécie de conselho do messias. Eram chamadas de “apóstolos” pela população. Além destes, existia ainda uma guarda especial que contava com aproximadamente oitocentos indivíduos que utilizavam uniforme diferenciado para

distinguir dos outros adeptos. Essa espécie de guarda pessoal do Conselheiro era denominada de Companhia do Bom Jesus ou Guarda Católica, ou ainda Santa Companhia.

A estratificação social da comunidade messiânica de Canudos era identificada no espaço geográfico através da organização urbana.

O bairro mais abastado tinha ruas mais largas e melhor alinhadas, suas casas eram mais confortáveis; ali habitava, entre outros, a maioria dos componentes da Santa Companhia; todavia, moravam também indivíduos que a ela não pertenciam, mas que gozavam no povoado de certos bens e de certo prestígio, tanto mais que Canudos adquiria caracteres “de um ativo centro de comércio”, de “vila florescente e rica”. No segundo bairro, muito maior que o primeiro, estava a plebe, aquela que não se empregava no serviço das armas e os que eram menos abastados. Na verdade, como qualquer vilarejo brasileiro, o centro comercial estava instalado lado a lado com o centro religioso, na praça que era “de extensão regular, ladeada de cera de doze casa de telha”; por isso é que no “bairro nobre” central (para usar a linguagem de Macedo SOARES) residiam ao mesmo tempo os indivíduos mais abastados e os mais graduados da Santa Companhia. Além deste centro, amontoavam-se “as casinhas tôscas, construídas de barro e cobertas de palha, de portas, sem janelas e não arrumadas”, em que habitava o maior número dos adeptos. (QUEIROZ, 1965, p. 211).

Apesar da existência de um certo tipo característico de segregação social entre nobreza e pobres no arraial, não havia fome, pois todos, sem exceção, estavam sujeitos a contribuir com uma certa porcentagem do produto do seu trabalho, que era entregue para Conselheiro, e esse repassava aos demais.

Toda essa organização social complexa formava o Império de Belo Monte, cujos fundamentos eram essencialmente religiosos, tanto que o Conselheiro “exigia dos adeptos um comportamento inteiramente conforme a sua noção de moral”, combatendo o roubo, a mentira, o homicídio, a convivência de casais não casados na Igreja e o amor livre.

Considerado um típico e legítimo messias, Conselheiro se preocupava com o “destino terrestre” de seu povo, por isso “instituirá uma série de normas destinadas a regulamentá-lo, a fim de que realmente em Canudos ser realizasse o Paraíso Terrestre”. E sobre a interpretação dos movimentos sociais que envolvem liderança de cunho religioso, Oliveira (1998) diz que ocorre uma “oposição dualista entre universos culturais, situando o profeta num mundo codificado por oposição à sociedade mais ampla”.

Em pouco tempo Canudos alcançou importância comercial, econômica, política e social no interior da Bahia, em pleno semi-árido. Mas tamanha notoriedade acabou provocando desavenças e insatisfações em três esferas: o poder público, os grandes proprietários da região e a Igreja. Os atritos entre o arraial e essas esferas da sociedade acabaram tendo como consequência à sangrenta e trágica Guerra de Canudos.

Conselheiro morreu antes mesmo do final da luta, e como um verdadeiro messias, muitos acreditavam que ele ressuscitaria. Alguns esperavam que isso ocorresse antes que o conflito chegasse ao fim, enquanto que outros poucos esperaram por muitos anos nas mesmas terras, que o chefe religioso retornasse.



## **Considerações Finais**

Portanto, pode-se previamente considerar que a relação entre Antônio Conselheiro e o povo do arraial de Canudos, com a paisagem do sertão baiano é um exemplo claro de superação humana frente às adversidades do meio. Isto dá a idéia do senso de contrastes e mesmo dos contrários, onde ao mesmo tempo em que na descrição da natureza tropical, “a terra é exuberante e pródiga”, também “pode ser estéril, desértica, obrigando a luta pela vida”.

## **Referências Bibliográficas:**

ANDRADE, M. C. de. **Geografia: Ciência da Sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANTONIO FILHO, F. D. **O pensamento geográfico de Euclides da Cunha: uma avaliação**. 1990. 264 f. Dissertação (Mestrado em Concentração em Organização do Espaço) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

BARREIRO, J. C. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: UNESP, 2002. 243p.

COLI, J. A epopéia fin-de-siècle. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 dez. 2002. Folha Mais, p. 8-9.

CUNHA, E. **À margem da história**. São Paulo: Cultrix, 1975. 228 p.

CUNHA, E. **Canudos diário de uma expedição**. São Paulo: Martin Claret, 2003. 175 p. (Coleção A Obra-prima de cada autor).

CUNHA, E. **Os Sertões: campanha de Canudos**. São Paulo: Martin Claret, 2004. 639 p. (Coleção A Obra-prima de cada autor).

FERREIRA, S. T. de L. **A percepção geográfica da paisagem dos gerais no “Grande Sertão: Veredas”**. 1990. 201 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

GRAHAM, R. B. C. **Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro**. Trad. De Gênese Andrade e Marcela A. C. Silvestre. São Paulo: Sá Editora/UNESP, 2002. 213 p.

MACHADO, L. O. Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de abordagem. In: CASTRO, I. E. de (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 309 – 353.

MONIZ, E. **Canudos**: a luta pela terra. 6ª ed. ver. E ampl. São Paulo: Globo, 1988. 110 p.

NASCIMENTO, J. L. do (Org.). **Os sertões de Euclides da Cunha**: releituras e diálogos. São Paulo: Hucitec, 2001. 215 p.

OLIVEIRA, B. A. C. C. **Tempo de travessia, tempo de recriação**: profecia e trajetória camponesa. 1998. 209 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

QUEIROZ, M. I. P. de. **O messianismo**: no Brasil e no mundo. São Paulo: Dominus, 1965. 373 p.

SANTANA, J. C. B. de **Ciência e Arte**: Euclides da Cunha e as ciências naturais. São Paulo: Hucitec, 2001. 215 p.

SILVIA, M. Ap. de M. **A luta pela terra**: experiência e memória. São Paulo: UNESP, 2004. 136 p. (Coleção Paradidáticos; Série Poder).

SUERTEGARAY, M. A. (Org.). **Terra**: feições ilustradas. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 263 p.

WANDERLEY, V. **Viagem ao sertão brasileiro**: leitura geo-sócio-antropológica de Ariano Suassuna, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa. Recife: CEPE/FUNDARPE, 1997. 205 p.